

MUDANÇAS NO SETOR PETROQUÍMICO

Trabalhadores e sociedade precisam ser ouvidos

A Confederação Nacional do Ramo Químico (CNQ-CUT) e a Federação Única dos Petroleiros (FUP) acompanham com preocupação as alterações que ocorrem no setor petroquímico brasileiro, feitas sem a mínima transparência e sem o acompanhamento da sociedade e dos trabalhadores do setor.



Arquivo Sindipolo

Ato realizado no dia 19 de março, no Pólo Petroquímico do Rio Grande do Sul, na data do anúncio da compra do Grupo Ipiranga pela Petrobrás e Braskem

O setor petroquímico brasileiro passou, nas últimas décadas, por mudanças profundas, marcadas por fusões e aquisições de empresas.

Esse processo acentuou-se ainda mais em 2007. Em março, um consórcio formado pelas empresas Braskem, Ultra e Petrobrás comprou o grupo Ipiranga. Agora, no mês de agosto, anunciou-se a aquisição da Suzano Petroquímica pela Petrobrás.

A sociedade brasileira e os trabalhadores do setor petroquímico ficaram à margem desses processos, embora sejam afetados diretamente por essas decisões.

Concentração do setor

A operação que envolve o grupo Ipiranga, por exemplo, dá a Braskem o controle majoritário (cerca de 70%) do eteno, que é uma das principais matérias

primas do setor. A compra da Suzano Petroquímica pela Petrobrás, com fortes indícios de futuro envolvimento da empresa Unipar na operação, compromete também a competitividade na cadeia petroquímica na região sudeste.

A petroquímica brasileira, no quadro que se desenha, ficaria nas mãos dessas duas grandes empresas (Braskem e Unipar). Elas controlariam as principais fontes de matérias-primas e, por consequência, terão o poder de impor os preços dessas matérias-primas que são comercializadas para cerca de 8 mil empresas de transformação plástica. Estas empresas são, no geral, de pequeno porte, mas responsáveis por grande parte dos empregos no setor e cuja produção interfere diretamente nas cadeias produtivas de alimentos, saúde, agricultura, energia, têxtil, etc.

Produtividade e exploração

O setor petroquímico é altamente intensivo em capital e com altíssima produtividade por trabalhador.

As fusões e aquisições aumentam as pressões e as exigências no ritmo de trabalho dos funcionários. Criam um clima de instabilidade e incerteza quanto ao futuro e faz com que parem sobre a cabeça dos funcionários as constantes ameaças de demissões.

O mais preocupante é que essas mudanças no setor petroquímico ocorrem sem um debate público que mostre à sociedade os efeitos que elas causarão nos empregos, nas condições de trabalho e sobre o significado de um modelo concentrador, sem mecanismos públicos de planejamento e que compromete o atendimento dos interesses da sociedade e dos trabalhadores do setor.

Nossas propostas para o setor petroquímico

Nós, trabalhadores do setor petroquímico, observamos com muita preocupação essas alterações. O modelo que se desenha para o setor petroquímico brasileiro não é – em nossa opinião – o melhor para o futuro da petroquímica brasileira.

Nós, trabalhadores do setor petroquímico, defendemos:

- Que o Estado esteja presente em setores essenciais da economia, para que o crescimento econômico ocorra de forma a integrar as atividades produtivas, estimule o desenvolvimento regional, gere trabalho digno e contribua para a construção de uma sociedade mais justa;
- Que se crie mecanismos de planejamento e financiamento público, garantindo a sustentabilidade do setor, principalmente da terceira geração;
- Uma estratégia coordenada de investimentos públicos e privados em setores fundamentais da infraestrutura, energia, fertilizantes e petróleo, com o objetivo de acelerar o crescimento econômico do Brasil;
- Que haja um amplo debate público sobre os rumos da cadeia produtiva petroquímica brasileira;
- Uma presença mais ativa da Petrobrás no setor;
- Que a Petrobrás atue como indutora e impulsionadora do desenvolvimento do setor;
- Que a Petrobrás defina as prioridades de investimentos;
- O retorno da Petrobrás, de forma integrada, na liderança e no controle da gestão da cadeia produtiva petroquímica brasileira;
- A participação ativa dos trabalhadores e da sociedade em geral nas decisões que afetam não somente o setor petroquímico brasileiro, mas o desenvolvimento nacional.



Dino P. dos Santos

Trabalhadores iniciam jornada no Pólo Petroquímico do Grande ABC, em São Paulo

Marcos Freitas



Manifestação em frente à Braskem do Pólo Petroquímico de Camaçari (Bahia)

Apoio à luta ✓

Pedimos a todos e todas o apoio nessa luta importante, onde está em jogo o tipo de desenvolvimento e crescimento econômico que queremos. Se aceitarmos passivamente o modelo que estão construindo para o setor petroquímico, continuaremos a ter um desenvolvimento concentrador, voltado para o benefício de poucos, perpetuador de injustiças sociais.

Nossa luta é por um desenvolvimento integrado, participativo, que procure transformar o nosso país, tão marcado por injustiças sociais, num país melhor, mais humano. Desenvolvimento sim, mas que esse desenvolvimento garanta à população condições dignas de vida, de trabalho e de respeito social.

Queremos todos e todas nessa nossa luta, que é uma luta pelo Brasil que a maioria dos brasileiros sonha.

Informativo de responsabilidade da: Confederação Nacional do Ramo Químico (CNQ-CUT) – Estrutura Vertical Química, Petróleo, Plástico, Petroquímica, Borracha, Papel e Celulose, Cerâmica, Vidros e Similares - R. Caetano Pinto, 575 4º andar – Brás – São Paulo – SP.
Telefones: (11) 2108-9214 / 2108-9254 • E mail: cnq@cnq.org.br
Federação Única dos Petroleiros - FUP - Av. Rio Branco, 133 - 21º andar - Rio de Janeiro - RJ - Telefone: (21) 3852-5002

Material produzido pela LAVRA - Assessoria de Imprensa e Comunicação • Tel.: (011) 4727-4228
Redação e Edição: João Caetano do Nascimento - Mtb. 14.747 • Editoração: Cláudio Assis